

A influência britânica na cerâmica de ateliê do Rio de Janeiro

A exposição "Cerâmica Britânica - do pós-guerra até os dias de hoje" na sua passagem pelo Rio de Janeiro causou uma repercussão muito grande no meio artístico. Não podia ser diferente, pois o Rio, além de ser um dos pólos mais importantes da cerâmica contemporânea brasileira, é sem dúvida o lugar onde a cerâmica britânica exerceu a sua maior influência. Em torno da exposição foram organizadas pela ceramista Solange Mano e apoiadas pela ACE-RIO (Associação dos Ceramistas do Rio de Janeiro) duas visitas guiadas e seguidas de debates, que foram muito concorridas.

O crescimento da cerâmica de ateliê é um fenômeno mundial que teve início no começo do século XX, tendo como seu precursor o ceramista inglês Bernard Leach. Posteriormente, nas décadas de 50 e 60, Lucie Rie e Hans Coper apresentaram uma nova proposta renovando a cerâmica britânica. No Rio, este crescimento ocorreu tardiamente, consolidando-se nos últimos 20 anos. Deu-se então uma transformação muito grande

na produção e no ensino da cerâmica. O número de ateliês aumentou significativamente. Antes de 1980 podia-se contar nos dedos a quantidade de ateliês estabelecidos na cidade e no estado. Hoje a ACE-RIO tem cerca de 50 ateliês cadastrados. Esse crescimento não foi apenas quantitativo, o perfil da cerâmica produzida modificou-se inteiramente a partir daí.

Hoje, pode-se dizer que a cerâmica carioca e fluminense, principalmente a utilitária, incorporaram um sotaque britânico. O que antes era inusitado, tornou-se corriqueiro: encontra-se nas lojas e galerias, cerâmicas que fogem da nossa tradição.

A pouca educação formal existente na área da cerâmica contribuiu para que a formação do ceramista fosse feita dentro dos ateliês, como

ensinava Leach. Os ateliês formadores da década de 80 geraram "filhotes", que por sua vez se estabeleceram, formando mais ceramistas. A própria ACE-RIO, que foi fundada em 1986, se inspirou em associações similares no Reino Unido. Outro fator fundamental para que essa influência fosse tão contundente, foi a ausência de uma colônia japonesa no estado. A cerâmica japonesa deitou suas raízes em São Paulo.



As visitas guiadas atraíram um grande número de artistas no Rio de Janeiro

A cerâmica de ateliê do Rio teve como principais centros formadores os estúdios de Alice Felzenszwalb, Clara Fonseca e Sylvia Goyanna, que iniciaram suas atividades no final dos anos 70 e início dos anos 80; e Keiko Mayama, que em 1988 se estabeleceu em Niterói. Os titulares desses ateliês, que na sua maioria estudaram na Inglaterra, trouxeram as idéias e os conceitos de Leach, Rie e Coper e seus conseqüentes resultados estéticos, que eram diversos dos encontrados aqui. Reinava então, quase exclusivamente, trabalhos executados em terracota e majólica, queimados em baixa temperatura.

Pode-se dizer que a contribuição britânica na construção da linguagem da cerâmica no Brasil se deu por excelência através do Rio. No presente, é importante frisar que tanto no Rio como em São Paulo, os ceramistas já acrescentaram a essas origens históricas, britânicas ou nipônicas, referenciais modernos acompanhando tendências recentes do *design* e da arte contemporânea.

Depois de passar por São Paulo e Rio de Janeiro, a exposição será apresentada na capital baiana.

Salvador

Data: 7 de outubro a 5 de novembro

Local: Centro de Memória e Cultura dos Correios

Maiores informações:

paula.cordeiro@britishcouncil.org.br

Sylvia Goyanna
Sócia-fundadora e membro do Conselho
Deliberativo da ACE-RIO